SEMINA
Ciências Sociais e Humanas

Artigo

# O MST e suas aproximações com segmentos religiosos: Bourdieu presente na análise de campo social agrário

Marcos Scarpioni [1]

## Resumo

Neste trabalho abordamos os conceitos essenciais propostos por Bourdieu para compreender o fenômeno social que seria a articulação de um movimento social com um ecumenismo em seu interior. Afinal, os conceitos essenciais de Bourdieu continuam a contribuir para a melhor compreensão de situações, fatos sociais que estão naturalizados em nosso cotidiano. Assim, objetivou-se identificar nas articulações do MST com os segmentos religiosos a presença dos conceitos para melhor compreendê-las. Por ser uma pesquisa bibliográfica pura, como metodologia, efetivou-se levantamento bibliográfico, seleção dos conceitos Bourdieuano, seleção dos eventos que ocorreram no MST e representantes religiosas demonstrando dessa maneira um "Ecumenismo", e por fim, a verificação dos conceitos nessas articulações. Conclui-se que os conceitos de Bourdieu são pertinentes para explicitar as relações existentes no interior do MST e no Ecumenismo ali presente.

**Palavras-chave:** Bourdieu; conceitos; MST; ecumenismo.

[1] Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: scarpionim@gmail.com.



https://doi.org/10.5433/1679-0383.2026.v47.55741

# The MST and affinities with religiosus segments: Bourdieu in the Analysis of an Agrarian Social Field

## Abstract

In this essay we address the essential concepts proposed by Bourdieu to understand the social phenomenon that would be the articulation of a social movement with an ecumenism within it. After all, Bourdieu's essential concepts continue to contribute to a better understanding of situations, social facts that are naturalized in our daily lives. Thus, the objective was to identify the presence of concepts in the MST's articulations with religious segments in order to better understand them. As it is a pure bibliographical research, as a methodology, a bibliographical survey was carried out, selection of Bourdieuan concepts, selection of events that occurred in the MST and religious representatives demonstrating in this way an "Ecumenism", and finally, the verification of the concepts in these articulations. It is concluded that Bourdieu's concepts are relevant to explain the relationships existing within the MST and the Ecumenism present there.

**Keywords:** Bourdieu; concepts; MST; ecumenism. '

## Introdução

O legado do pensador Pierre Bourdieu continua contribuindo para nossas reflexões sobre os fenômenos sociais contemporâneos. A partir de suas obras, é possível identificar amplas aplicações em diversas áreas do conhecimento, como: artes, ciência, educação, religião, entre outras. Contudo, no uso de seus conceitos para explicar determinadas situações, eventos e fatos da atualidade, não se pode desconsiderar suas limitações.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 91), os conceitos "são representações mentais de um conjunto de realidades em função de usos e características comuns essenciais", constituindo categorias que estabelecem um caso geral a partir de um conjunto de casos particulares relacionados por tais características essenciais. Ademais, são instrumentos insubstituíveis para investigar e conhecer, pois quanto mais dispomos de conceitos, maiores são nossa capacidade de ler, questionar e compreender os fatos sociais (Laville; Dionne, 1999). Assim, mais do que defini-los ou interpretá-los, importa utilizá-los diante dos fenômenos sociais, verificando suas contribuições para compreendê-los.

Atualmente, os fenômenos sociais que influenciam de alguma forma a dinâmica social, política, econômica e ambiental em cidades brasileiras, estariam nos movimentos sociais e religiosos, entre outros. Para nossa análise, selecionamos o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), passível de observação à luz dos conceitos de Pierre Bourdieu.

Ao observarmos preliminarmente as ações desenvolvidas pelo MST, em suas informações disponíveis nas redes sociais e no sítio próprio da organização, nota-se que para além das lutas pela posse da terra, o movimento se articula com outros grupos sociais, como é o caso das representações de lideranças religiosas em um processo ecumênico.

Diante dessas articulações entre MST e segmentos religiosos em uma dinâmica ecumênica (MST, 2022a), emergem nossas inquietações: estariam os conceitos elaborados por Bourdieu presentes e identificáveis no interior do movimento? Em que medida esses poderiam servir para compreender as articulações do MST com representantes religiosos? Seria possível interpretá-los de forma eficaz para analisar tais interações, especialmente no que diz respeito a atos ecumênicos praticados no interior do MST?

Neste capítulo, visamos compreender se os conceitos de Bourdieu podem ser utilizados para interpretar as relações estabelecidas entre o MST e os diversos segmentos religiosos presentes em seu interior. Por meio de um viés sociológico, examinamos as conexões entre esse movimento agrário e a dimensão religiosa.

Rivera (2014, p. 210) afirma que Bourdieu propôs "teorias e conceitos para explicar a dinâmica relação entre a produção social do mundo e a interpretação desse mundo e seu sentido para determinada sociedade ou grupo social que compartilha uma cultura". Assim, há potencial para identificar empiricamente tais conceitos nas práticas cotidianas do MST.

A relevância desta pesquisa reside também no fato de existirem muitos estudos que utilizam conceitos de Pierre Bourdieu para explicar diversas situações em diferentes campos sociais. Contudo, quando o foco recai sobre as articulações entre o MST e as religiões ali presentes, especialmente no âmbito de um ecumenismo, há escassez de bibliografia que trate diretamente dessa temática sob este recorte específico.

Por isso, seguindo o pensamento de Bourdieu, é necessário romper com certos pressupostos do estruturalismo, conceber o mundo social como um espaço de relações objetivas, transcendentes em relação aos agentes e irredutíveis às interações individuais (Bourdieu, 2004, p. 21). Assim, as articulações presentes no MST, estruturadas e naturalizadas, tornam-se passíveis de análise.

Diversos estudos evidenciam a forte presença de representantes e órgãos católicos na formação do MST, conferindo-lhes grande importância na estruturação do movimento em suas origens (Munir, 2022; Nunes, 2014), no entanto, é igualmente importante destacar a participação de líderes luteranos no período inicial, na década de 1980.

Atualmente, o MST divulga um ecumenismo mais ampliado, o que motiva nossa investigação sobre o que, de fato, ocorre nessas articulações no período delimitado no início do século XXI até 2020. Logo, selecionamos conceitos essenciais do autor, como campo, habitus, violência simbólica, dominação simbólica e poder simbólico, e procuramos aplicá-los na análise das interações entre o MST e segmentos e lideranças religiosas.

Consecutivamente, identificamos lideranças religiosas em fotografias e em diversos eventos publicados pelo próprio movimento, utilizando tais imagens como informações complementares, além de selecionar trechos de discursos dessas lideranças para cruzamento de informações e composição de um panorama analítico. Por fim, investigamos as articulações nas comunidades do MST distribuídas pelo país.

Este trabalho foi realizado entre 12 de julho e 12 de setembro de 2024.

Organizamos o ensaio nas seguintes seções: a) Os conceitos instaurados por Pierre Bourdieu; b) Caracterização do MST a partir do século XXI; c) O MST e interações sociorreligiosas - ecumenismo; d) Bourdieu no MST: presente!

Ao final deste percurso, buscamos demonstrar como os eventos e fatos presentes no cotidiano do MST, especialmente aqueles relacionados às suas "articulações ecumênicas" (Berkenbrock, 2024), podem ser desvelados pelos conceitos de Bourdieu, reconhecendo, todavia, suas limitações para abarcar por completo a complexidade da realidade vivenciada.

## Os conceitos instaurados por Pierre Bourdieu

Inicialmente, apresentamos os conceitos elaborados por Bourdieu, amplamente dispersos ao longo de sua obra, o que torna inviável consultá-los ou reuni-los em uma

única bibliografia condensada. Por isso, selecionamos diferentes fontes, extraímos e organizamos os conceitos que passamos a apresentar.

O campo social ou simbólico é considerado por Bourdieu como um universo em que as características dos produtores são definidas pela posição que ocupam nas relações de produção, isto é, pelo lugar que detêm em um determinado espaço de relações objetivas (Bourdieu, 2003, p. 86). Trata-se, portanto, de um espaço estruturado de posições sociais dos agentes (indivíduos).

Essas posições não são definidas pelos indivíduos que as ocupam; ao contrário, são posições previamente estabelecidas, nas quais os indivíduos ingressam para agir socialmente, desenvolvendo estratégias para "ser alguém" no mundo social. Assim, o campo se configura como um lócus de ação no mundo socialmente construído.

De acordo com Bourdieu (1996, 2003), existem diversos campos sociais — político, religioso, científico, entre outros — e, em cada tipo de campo, atuam indivíduos com conhecimentos específicos, leis próprias e relações de força entre os agentes, que são altamente especializados na produção e difusão de bens (Bourdieu, 2008). Tal conceito:

> [...] demonstra os contornos das posições diferenciadas dos agentes, a congruência significativa entre as vivências dos agentes e características das estratégicas coletivas dos grupos (negociação, mobilização, reconversão), além do potencial de revelação das afinidades e dissonâncias entre práticas, rituais, representações e classificações (Bourdieu, 2008, p. 11).

É no campo social que são produzidos e legitimados o capital social, cultural e simbólico para além do capital econômico, sendo este um poder reconhecido (BOURDIEU, 2008a). É considerado uma "propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social) percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor (Bourdieu, 1996, p. 106).

Tais capitais constituem recursos sociais adquiridos ao longo da trajetória de vida, podendo ser convertidos em diferentes formas de poder e influência em variados campos sociais (científico, religioso, político etc.), com possibilidade ou não, de conversão em capital econômico.

Assim, Bourdieu, identifica, descreve os tipos de capital como: capital cultural (conhecimento, educação, habilidades) (Bourdieu, 1996); o capital social (rede de contatos e relações sociais) (Bourdieu, 2007); e o capital simbólico (reconhecimento social, prestígio) (Bourdieu, 1989).

Cada um desses capitais pode ser mobilizado para obtenção de vantagens em diferentes contextos sociais. Além disso, ao estabelecer contratos, obrigações e direitos, esses capitais geram novas relações e podem ser continuamente ativados por indivíduos ou grupos ao longo de suas trajetórias.

No interior desse campo simbólico, marcado por posições de classe, lutas entre classes e diferentes capitais adquiridos, emerge o poder simbólico, que permeia as relações sociais e é sustentado pela produção de bens simbólicos. Esse poder contribui para processos de dominação simbólica e violência simbólica.

O conhecido e desenvolvido poder simbólico na obra de Bourdieu (1989, p. 7-8) trata-se de um "poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem". É um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*[1] (Bourdieu, 1989, p. 9). E mais, seria um "poder subordinado, uma força transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder" (Bourdieu, 1989, p. 15).

Portanto, Bourdieu (2004, p. 167) afirma que:

> [...] o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento.

Assim, trata-se de uma submissão resultante de estruturas objetivas, estruturas estas que só mantêm sua eficácia pelos mecanismos que desencadeiam e pela reprodução que promovem (Bourdieu, 2012). Desta forma, o poder simbólico:

> [...] não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só subordinam a ele por que o constroem como poder, é por isso um construtivismo idealista, etnometodológico, uma construção social das estruturas cognitivas que organizam atos de construção do mundo e de seus poderes. É um ato intelectual consciente, livre e de¡iberado de um sujeito, uma construção prática (Bourdieu, 2012, p. 52).

O poder simbólico permite expressar sofrimento, decepção, alegria e outros sentimentos associados aos ciclos de vida de um grupo social. Também veicula anseios, expectativas e identidades, afirmando diferenças por meio de encantamentos que compõem sua visão de mundo (Bourdieu, 1996, p. 14).

Esse conceito nos fornece importantes subsídios epistemológicos para compreender as relações de poder entre líderes e assentados no contexto de assentamentos coordenados pelo MST (Lazzaretti, 2019). É a partir do poder simbólico, e de bens simbólicos, que emerge a dominação simbólica, frequentemente naturalizada em nossa sociedade contemporânea.

Os bens simbólicos, segundo Bourdieu (2007, p. 100–102), são realidades de dupla face, mercadoria e significação, cujo valor cultural e mercantil pode subsistir de forma relativamente independente. São bens produzidos e consagrados por instâncias específicas, diretamente vinculados aos capitais simbólicos, especialmente aqueles direcionados a mercados específicos, como o mercado de bens simbólicos religiosos.

No âmbito simbólico, atos de força se traduzem em atos de forma, dotados de uma aura quase mágica (Bourdieu, 2004, p. 199). Assim, significações implícitas aderidas aos bens materiais adquirem graus diferenciados de erudição entre consumidores de distintas classes sociais. Compreender os bens simbólicos implica compreender o funcionamento do campo de produção erudita e as relações que o estruturam, incluindo esquemas de ação, expressão, concepção e imaginação objetivamente disponíveis em uma formação social (Bourdieu, 2007, p. 117).

A produção, distribuição e consumo de bens simbólicos articulam-se em mercados simbólicos. Bourdieu (2008, p. 37) observa ainda que as mulheres parecem mais predispostas a aceitar, desde a escola, as exigências desses mercados, o que contribui para sua inserção em processos de dominação masculina, presentes em sociedades europeias e latino-americanas.

Para Bourdieu (2012), a dominação simbólica está profundamente vinculada ao sexo biológico e ao gênero socialmente construído. A dominação é caracterizada pelo masculino, enquanto a subordinação é atribuída ao feminino. Tal dominação é legitimada por práticas contínuas que reafirmam disposições incorporadas, como preconceitos desfavoráveis ao feminino, que, por sua vez, conduzem as mulheres a reproduzirem tais julgamentos.

Bourdieu (1996, p. 37) afirma que toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade, que não é mera submissão passiva nem adesão voluntária. As estruturas de dominação são produto de um trabalho histórico de reprodução, do qual participam agentes específicos (como homens, por meio da violência física e simbólica) e instituições como família, Igreja, escola e Estado (Bourdieu, 2012, p. 47, 143), que agem objetivamente de maneira orquestrada, influenciando estruturas inconscientes.

É partindo de uma dominação simbólica ou masculina, do modo e como ela é imposta, vivenciada por excelência desta submissão paradoxal advinda de uma violência simbólica, é que Bourdieu define esta última como uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento (Bourdieu, 2012, p. 7).

Violência simbólica para Bourdieu (2004, p. 106) é:

> [...] uma violência cuja realização é por excelência certamente, é o direito, é uma violência que se exerce, se assim podemos dizer, segundo as formas, dando forma. Dar forma significa dar a uma ação ou a um discurso a forma que é reconhecida como conveniente, legítima, aprovada, vale dizer, uma forma tal que pode ser publicamente, diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável [...]. A força da forma, esta vis formae de que falavam os antigos, é esta força propriamente simbólica que permite à força exercer-se plenamente fazendo-se reconhecer, aprovar, aceitar, pelo fato de que se apresentar sob uma aparência de universalidade – a da razão ou da moral.

Ela opera por meio de um ato de conhecimento e desconhecimento prático, que se efetiva aquém da consciência e da vontade, conferindo-lhe um "poder hipnótico" (Bourdieu, 2012, p. 54–55). Um dos efeitos dessa violência, conforme expõe Bourdieu (1996, p. 170), é:

> [...] é a transfiguração das relações de dominação e de submissão em relações afetivas, a transformação do poder em carisma ou em encanto adequado a suscitar um encantamento afetivo [e nos dá exemplo atual] (nas relações entre patrões e secretárias). O reconhecimento da dívida torna-se reconhecimento, sentimento duradouro em relação ao ato generoso, que pode chegar à afeição, ao amor, como vemos com particular clareza nas relações entre gerações.

É inegável que tanto a dominação masculina quanto a violência simbólica são esquemas, condicionantes que impregnam as estruturas sociais, refletindo consciente e inconscientemente estes em nossas relações sociais, que por sua vez estão (in)diretamente conectadas ao *habitus* em suas diversas formas, por ex.: linguístico (Bourdieu, 1996), como passamos a descrever na sequência.

A primeira ideia que devemos ter sobre o conceito de *habitus* seria diferenciá-lo de "hábito", comportamentos adquiridos que se realizam no cotidiano, por ex.: comportamentos de procrastinação, "sete pecados capitais", etc., enquanto que habitus é uma forte disposição para pensar, agir e se comportar de tal forma frente as diversas questões da sociedade. Assim passamos a aprofundar este conceito.

Como indica a própria palavra, o habitus é um conhecimento adquirido e, simultaneamente, um haver, um capital incorporado que se expressa como disposição, quase postural (Bourdieu, 1989, p. 61). Trata-se de um conceito aristotélico-tomista que Bourdieu afirma ter repensado para superar a oposição entre estruturalismo sem sujeito e filosofia do sujeito (Bourdieu, 2004, p. 21).

Bourdieu então define *habitus* como:

> [...] um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças a transferência analógicas de esquemas que permitem resolver problemas da mesma forma e graças as correções incessantes dos resultados obtidos, [...] (*apud* Miceli, 2007, p. XLI).

Dessa forma, o habitus constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável e flexível, capaz de produzir "improvisações reguladas" (Miceli, 2007, p. XLII). Ele opera na interação entre dois sistemas de relações: estruturas objetivas e práticas sociais. Assim, completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao mesmo tempo que exterioriza sistemas de disposições incorporadas.

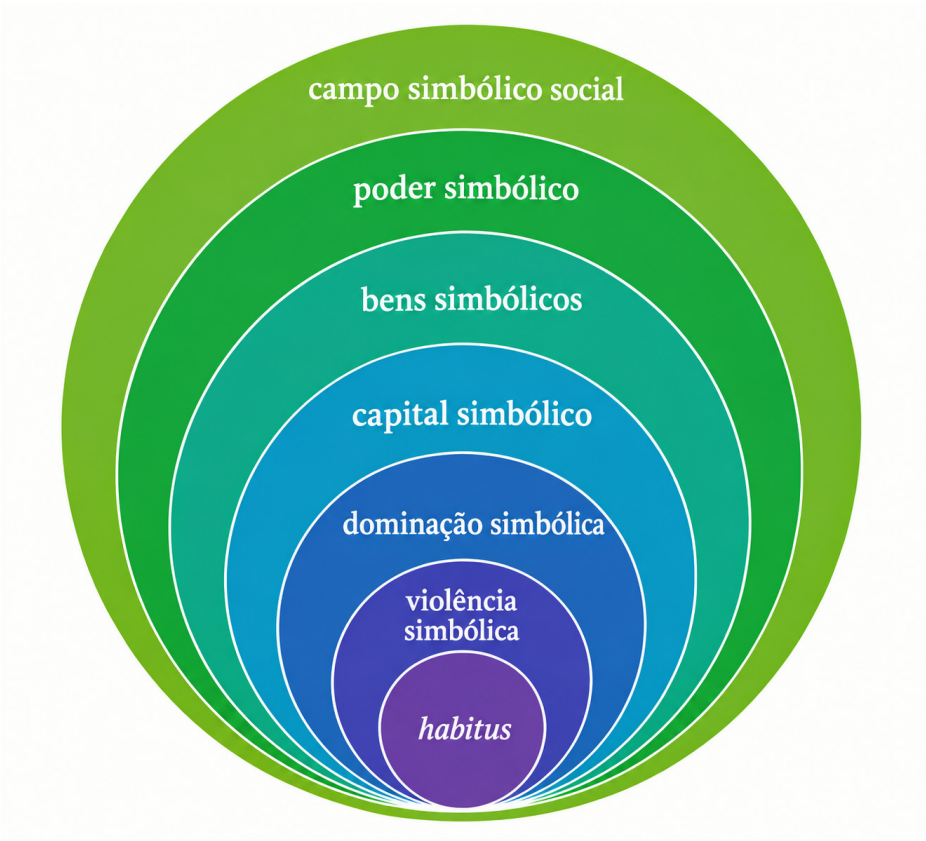
Segundo Bourdieu (2004, p. 26), o habitus mantém com o mundo social que o produz uma "cumplicidade ontológica", origem de um conhecimento sem consciência e de uma intencionalidade sem intenção. Trata-se de um domínio prático das regularidades do mundo, permitindo antecipar circunstâncias futuras sem a necessidade de formulação explícita. Ademais, o habitus é:

> [...] um sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou com princípios de classificação e simultaneamente com os princípios organizadores da ação, significativa de construir o agente social na sua verdade de operador prática de construção de objetos (Bourdieu, 2004, p. 27).

Por isso, o habitus constitui um dos fundamentos mais sólidos — e melhor dissimulados — da integração de grupos e classes sociais (Bourdieu, 2007).

Assim, apresentamos uma sequência meramente casual, sem hierarquia, que integra os conceitos entre si. Bourdieu não indica que um conceito anteceda outro gerando uma cadeia linear. Cada conceito é aplicável a determinados fatos sociais, conforme demonstrado em suas próprias pesquisas. O diagrama a seguir oferece uma representação das interações entre os conceitos e suas inter-relações.

**Diagrama 1** – Conceitos Essenciais de Bourdieu para a compreensão das interações




**Fonte:** Extraído e adaptado: Bourdieu (1996, 2003, 2004, 2007, 2008, 2012).

Já com as definições e conceituações devidamente apresentadas, avançamos para os registros, descrições e análises dos eventos realizados pelo MST e das lideranças religiosas à luz dos conceitos de Bourdieu. Contudo, antes disso, acreditamos necessária - ainda que de forma *en passant* - uma caracterização do movimento, suas origens e as transformações ocorridas ao longo de sua trajetória no intervalo cronológico selecionado para nossas análises.

## Caracterização do movimento dos sem terra (MST) a partir do séc. XXI

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) comemorou, neste ano, quarenta anos de existência desde sua oficialização no 1º Encontro Nacional dos, então, pequenos movimentos de agricultores (ligas camponesas), realizado em Cascavel (PR) em 1984. Todavia, nossa análise concentra-se no período compreendido entre o início do século XXI e os dias atuais (MST, [2024]).

Segundo o próprio MST ([2024]), ainda na virada do século ocorreu um evento de grande relevância para o movimento: o 4º Congresso Nacional, que reuniu mais de 11 mil pessoas vindas de diferentes regiões do Brasil e de outros países, em Brasília. A principal palavra de ordem foi "Por um Brasil sem latifúndio". O evento sintetizou a conjuntura agrária daquele momento e configurou-se também como espaço de confraternização, com apresentações culturais, exposições de artesanato, culinárias e produtos oriundos dos assentamentos (MST, [2024]).

Observa-se que o MST se apresenta como um movimento altamente organizado e com significativa representatividade social, articulando diversos atores em torno de objetivos comuns: romper com a lógica latifundiária e promover uma reforma agrária plena e efetiva. Assim, caracteriza-se como um espaço social difusor de uma cultura agrária não apenas no meio rural, mas também no meio urbano.

Conforme Xavier e Pimenta (2017), o MST busca sua "ilha", sua utopia, no interior de uma sociedade já estabelecida, por meio de um projeto que visa reduzir desigualdades sociais a partir da democratização do acesso à terra e do fortalecimento da agricultura familiar para subsistência. Tal projeto pretende gerar maior distribuição de renda entre assentados, em âmbito local e regional, de forma mais equitativa. Nesse sentido, Lazzaretti (2019, p. 129) afirma que emergiria, nesse contexto, "um socialismo que procura fazer frente ao agronegócio", com o objetivo de tornar os assentados produtivos, tanto em relação ao trabalho quanto ao uso da terra, articulando metas econômicas e políticas.

Com a expansão do MST no início do século XXI e com a eleição do presidente Lula em 2002, ampliaram-se as expectativas dos sem-terra em relação à realização da reforma agrária. O movimento se postou, então, como protagonista de transformações mais profundas e abrangentes em favor dos trabalhadores rurais.

Entretanto, a situação da agricultura familiar agravou-se diante da expansão do agronegócio, impulsionado pelo crescimento econômico e pela valorização das commodities no mercado externo. "O modelo agrário-exportador se acentuou, dividindo o território em 'sesmarias' de monoculturas, como soja, cana-de-açúcar e celulose, além da pecuária extensiva" (MST, [2024]). Além disso, a aquisição de terras por estrangeiros atingiu níveis inéditos. Tais fatores fragilizaram o MST em suas estratégias de mobilização e incidência política.

Esse contexto gerou tensões entre o movimento e o governo federal. Se, por um lado, o MST apoiou uma força política progressista naquele período, por outro, não hesitou em expressar críticas contundentes ao governo, que, segundo sua avaliação, teria incentivado o agronegócio por meio de políticas de financiamento público, reforçando desigualdades sociais e ambientais no campo. Assim, o MST posicionou-se como força contestatória diante do sistema agrário e das políticas de crédito rural, defendendo maior apoio aos pequenos produtores.

A partir dessa motivação de luta, o movimento também buscou fazer frente ao agronegócio, como evidenciam afirmações recorrentes no discurso público do MST: "o agronegócio não produz alimentos para o povo brasileiro, deteriora o ambiente e gera poucos empregos"; "utiliza grandes extensões de terra para monocultura de exportação, baseada em baixos salários, uso intensivo de agrotóxicos e sementes transgênicas" (MST, [2024]). Tais afirmações reforçam sua postura combativa frente às desigualdades e impactos do capitalismo agrário.

Em contexto de crise econômica mundial, o modelo agroexportador revelou-se insuficiente para garantir a produção de alimentos e a criação de empregos no campo. Assim, o MST diversificou suas frentes de atuação e passou a investir com maior ênfase na agroecologia, compreendida como estratégia de sustentabilidade ambiental e de autonomia produtiva (Alcântara, 2021).

No entanto, a trajetória do movimento é marcada também por episódios de violência, crimes e fatalidades, como o massacre ocorrido em novembro de 2004 no Acampamento Terra Prometida, em Felisburgo (MG). Soma-se a isso o tratamento midiático e governamental que, em diversas situações, criminaliza manifestações, acampamentos, caminhadas e ocupações, na tentativa de deslegitimar as lutas pela reforma agrária - um direito garantido constitucionalmente e pelo Estatuto da Terra.

## MST e interações sociorreligiosas - ecumenismo

Como já mencionado, há registros de inserção de representantes católicos nos assentamentos do MST (Munir, 2022; MST, [2024]), especialmente vinculados à Teologia da Libertação, que desempenhou papel significativo na estruturação do movimento.

Entretanto, lideranças protestantes também estiveram presentes desde as origens, como representantes da Igreja Luterana. Nunes (2014, p. 16) afirma:

> Os setores progressistas da Igreja Católica e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECBC) tiveram um papel ímpar na formação do MST. Os agentes de pastoral representantes dessas instituições religiosas politizaram os conflitos sociais decorrentes das contradições agrárias que se salientaram com o tratamento dado à questão agrícola pelos militares.

Já no século XXI, tais inserções religiosas parecem ter se intensificado e se tornado mais abrangentes. A visita aos conteúdos e eventos no arquivo do MST, revela um conjunto amplo de manifestações sociorreligiosas, nas quais lideranças religiosas reafirmam publicamente seu apoio às lutas do movimento, evocam ideais comuns e rememoram seus mártires, agentes que perderam a vida na e pela busca da terra.

Esse pluralismo religioso compõe um ecumenismo que, segundo Volney Berkenbrock (2024), envolve a "difícil arte do diálogo entre os cristãos". Nesse sentido, torna-se relevante compreender como os conceitos de Bourdieu ajudam a elucidar tais articulações e dinâmicas de aproximação entre diferentes instituições religiosas e o MST.

Trata-se, portanto, não de um projeto de uma igreja específica, mas de um movimento que busca aproximações entre instituições, lideranças e ideais convergentes — tanto cristãos quanto de matrizes africanas, indígenas e outras expressões religiosas. Berkenbrock (2024) ressalta a importância de compreender os fatores que dificultam o diálogo entre cristãos de diferentes denominações e os caminhos de aproximação que vêm sendo construídos.

Diante dessas observações, passamos a retratar os eventos que articulam o MST com práticas ecumênicas, enumerando-os para posterior análise com base nos conceitos de Pierre Bourdieu.

(1º Evento) Em pleno período pandêmico, em julho de 2022, foi realizado um encontro ecumênico em São Paulo, que reuniu assentados, militantes do MST, representantes de diversas instituições religiosas, lideranças comunitárias, representantes de centrais sindicais e de movimentos sociais, com destaque para a presença do Frei Betto.

É relevante observar que o evento ocorreu em ano eleitoral e incluiu discussões sobre estratégias de alinhamento político que culminaram em apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. Também houve aproximação entre o movimento e as lideranças religiosas presentes.

**Figura 1** – Apresentação de lideranças religiosas em seus discursos em apoios a campanha política e a candidaura de Lula no encontro ecumênico do MST




**Fonte:** MST (2022b).

As falas das lideranças, de maneira geral, estavam direcionadas ao apoio à campanha eleitoral do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, discutindo como e de que forma as instituições religiosas poderiam se organizar para formar comitês, espaços de debate e reflexão sobre o governo vigente (à época) e o governo futuro a ser construído.

(2º Evento) Ainda em dezembro de 2022 ocorreu o 1º Seminário Estadual "Resistir com Fé", evento que reuniu cerca de 30 evangélicos/as dos territórios organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Pará, realizado no Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico).

Estiveram presentes pastores e pastoras dos territórios do MST, além de outros líderes de igrejas evangélicas de Marabá, Belém e Parauapebas, com a proposta de dialogar com a diversidade de igrejas evangélicas presentes em acampamentos e assentamentos (MST, 2022c). Portanto, é inegável que a inserção de instituições protestantes e pentecostais no MST vem se ampliando.

Dessa forma, já se expressa uma preocupação com o diálogo inter-religioso in loco, bem como com a construção de pontes que possibilitem relações mais saudáveis e harmônicas de convivência e luta entre as igrejas e o movimento social. Entre os temas debatidos pelos evangélicos estiveram perspectivas de religiosidade, fé e movimentos populares, com leitura bíblica das lutas em defesa da comunidade e reflexões sobre fundamentalismo. Também houve o lançamento da cartilha Resistir com fé: os evangélicos e o trabalho de base, produzida pelo Instituto Tricontinental (MST, 2022c).

**Figura 2** – Encontro de lideranças religiosas de matriz cristãs




**Fonte:** MST (2022b).

O discurso abaixo reafirma como as instituições evangélicas buscam dialogar entre si no interior do MST, pois:

> 'O seminário vem em um momento fundamental, em que é necessário e urgente debater o papel das igrejas evangélicas nos territórios de luta e como essas igrejas podem contribuir com o fortalecimento dessas comunidades em uma perspectiva em que fé e luta caminham juntas para a construção de uma sociedade melhor', concluiu Diaconisa Polliane (MST, 2022c).

(3º Evento) Em 2021 observou-se uma aproximação do MST ao apoio da Campanha da Fraternidade. Segundo Alcântara (2021), foi realizada uma entrevista com lideranças católica e luterana sobre a Campanha da Fraternidade Ecumênica daquele ano, a qual foi

difundida no movimento como forma de reflexão acerca da importância da fraternidade e do diálogo.

Para discutir tais temas, a página do MST conversou com Lusmarina Campos Garcia - teóloga, pastora luterana e pesquisadora em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - e com Dom José Valdeci Santos Mendes, bispo diocesano de Brejo, no Maranhão (Alcântara, 2021).

Cabe ressaltar que o motivo da entrevista foi, além da campanha em si, os ataques que esta sofreu por segmentos conservadores da Igreja Católica, interferindo diretamente na percepção comportamental dos religiosos inseridos no movimento agrário.

**Figura 3** – Lideranças Católica e Luterana que foram entrevistadas sobre a Campanha da Fraternidade



**Fonte:** Alcântara (2021).

As perguntas realizadas nas entrevistas foram em sentido de como a campanha de fato poderia contribuir para maiores reflexões sobre o diálogo inter-religioso.

> Pastora Lusmarina: O motivo deste tema é promover a convivência pacífica, a reconstrução da paz social. O Brasil tem sido marcado nos últimos anos, por uma atitude bélica de enfrentamento e desrespeito nas relações individuais e sociais. [...]
>
> Pastora Lusmarina: A Campanha da Fraternidade Ecumênica é um testemunho público de que é possível cruzar as barreiras daquilo que nos diferencia e, por vezes, nos divide, para experimentar a unidade. [...]
>
> Dom José: A necessidade de união que a Igreja sentiu, a partir do ano de 2000, de realizar esta campanha juntamente com o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) – responsável pela campanha Ecumênica -,

> traz este ano o lema "Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade". Esse convite especial, também feito pelo Papa Francisco, nos chama a atenção para uma fraternidade universal, social, para nos unir neste compromisso em defesa da vida (Alcântara, 2021).

Mas curiosamente, observamos a difícil missão neste processo em virtude de que existem segmentos religiosos conservadores como podemos destacar, pois de acordo com a pergunta do MST, setores conservadores estão[ariam] atacando a Campanha da Fraternidade publicamente nas redes. Como estes ataques são vistos?

> Pastora Lusmarina: São grupos intransigentes e infiéis à própria tradição e teologia da Igreja Católica. Não aceitam o Concílio Vaticano II e, ao que parece, nem o Magistério dos Papas. Desrespeitam as Igrejas Protestantes referindo-se a elas como "seitas". Desqualificam a ordenação das mulheres ao colocar entre aspas o título Pastora, quando referindo-se à Pastora Romi Bencke, secretária-geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil.
>
> Dom José: É claro que as campanhas vêm com desafios também, assim como o questionamento do porquê as pessoas não estão aceitando. Precisamos aprofundar sempre mais nesses temas, e acho que o que deve nos unir é a defesa da vida, é o compromisso com a justiça, com a solidariedade (Alcântara, 2021).

(4º Evento) Em 2019, no "Acampamento Marielle Vive!" (MST, 2019a), localizado em Valinhos (SP), foi realizado um ato ecumênico em homenagem a Luís Ferreira da Costa, um assentado brutalmente atropelado e morto. Conforme a mística apresentada no evento, Seu Luís - pedreiro, agricultor, militante e estudante - era amplamente reconhecido pelos moradores.

O ato contou com a presença de representantes de diversas linhas teológicas cristãs, pois estiveram ali presentes, além dos moradores no assentamento, familiares de Luis, os representantes das igrejas Católica Apostólica Romana, Assembleia de Deus e Evangélica de Confissão Luterana do Brasil que se pronunciaram após assistirem o desenvolvimento da mística (MST, 2019a).

**Figura 4** – Ato ecumênico em Assentamento do MST




**Fonte:** MST (2019a).

As falas das lideranças não se limitaram ao apoio às demandas do movimento ou ao resgate das lutas e da memória dos mártires do MST; expressaram também um discurso teológico progressista, com forte sentido de proselitismo voltado à luta social:

> Para o Pastor Paulo da Igreja Assembleia de Deus, o ato em homenagem a Seu Luis serviu para "mostrar a importância que tem uma vida, que sofreu, que morreu à luta em prol de uma terra e morreu injustamente" [...].
>
> Já o Pastor Lauri Roberto Becker, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a vida e morte de Seu Luis, assim como de seus companheiros Sem Terra, sua luta pela Reforma Agrária, a luta para que se tenha pão na mesa, para que se tenha água para beber, para que se tenha fraternidade entre as pessoas, significa "colocar mais o Reino de Deus entre as pessoas". Lauri ainda afirmou que cada vítima, cada mártir é "mais uma semente lançada que vai brotar".
>
> O Padre Benedito Ferraro, da Arquidiocese de Campinas, quando remeteu-se à memória das ações de Seu Luis em vida, lembrou o Capítulo 15, versículo 13 de São João: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos. Seu Luis não só deu a vida por outra pessoa, mas também nos deu a esperança de que esta terra é nossa!" (MST, 2019a).

(5º Evento) Em 2018, no Assentamento Boa Sorte, em Iramaia (Chapada Diamantina), foi realizado um Ato Político e Ecumênico em memória do dirigente Márcio Matos, conhecido como Marcinho, assassinado naquele ano. O ato denunciou a violência no campo e exigiu celeridade nas investigações. Estiveram presentes lideranças políticas estaduais e nacionais, moradores, organizações religiosas, familiares e parceiros do MST.

A mística de abertura rememorou a trajetória política do dirigente, referência para a militância baiana e para o movimento nacionalmente (MST, 2018).

**Figura 5** – Discursos de lideranças religiosas e representação do poder público



**Fonte:** MST (2018).

Aqui podemos observar o registro dos discursos tanto de religiosos quanto de representantes políticos que constituem o poder público local mencionando a importância do resgate da memória dos militantes do MST.

> Fabya Reis, secretária de promoção da igualdade racial na Bahia, emocionada destacou: "sem dúvida nenhuma, esse é um momento difícil. Dar adeus aos nossos companheiros não é uma tarefa fácil, [...] Estamos falando de um companheiro que doou a sua vida em defesa das causas coletivas e aqui reafirmamos o papel revolucionário que teve na luta popular".
>
> Para o Frei Joaquim, da Igreja Católica da cidade Boa Vista do Tupim, as lições históricas deixadas às gerações o tempo não apagar. "Nunca iremos esquecer do companheiro Márcio na luta de cada um. E isso nos motiva a permanecer em fé" (MST, 2018).

(6º Evento) Outro evento marcante foi o ato ecumênico no Farol da Barra, em Salvador (BA), em 2016, que reuniu cerca de 100 mil trabalhadores e trabalhadoras e representantes de religiões de matriz africana, evangélica, católica e budista. O ato reivindicou justiça para o massacre de Eldorado dos Carajás (MST, 2016).

**Figura 6** – Um discurso de uma mãe de santo no farol da Barra



**Fonte:** MST (2016).

Destaca-se a presença de representantes das religiões de matriz africana e do budismo, considerando o intenso pluralismo e sincretismo religioso de Salvador. As falas reforçaram a dimensão espiritual da luta social intra movimento:

> A Ialorixá Jaciara Ribeiro, do Ilê Axé Abassá de Ogum, rememorou a luta histórica dos negros e negras contra o racismo e apontou a necessidade de sempre estar nas ruas, com "representatividade", empunhando as bandeiras da classe trabalhadora.
>
> Para Ivone Jishô, do budismo zen, "não existem condições de vivermos em paz numa sociedade desigual e essa paz, precisa ser um ponto de pauta de nossas lutas".

> Já o pastor Joel, da Igreja Batista Nazaré, acredita que estamos vivendo um momento de unidade da classe trabalhadora, sendo afirmado nas lutas populares e que esse processo não se encerra aqui (MST, 2016).

## Bourdieu no MST, presente!

Para compreendermos essas interações entre os conceitos de Bourdieu e os eventos ecumênicos no MST, elaboramos um quadro de designação de eventos e conceitos, como, por exemplo, evento (1) e campo simbólico (a). Assim, ao intercruzarmos as informações dos eventos, das imagens e dos discursos das lideranças religiosas, e dessa forma, foi possível gerar um quadro panorâmico analítico.

**Quadro 1** – Designação de Eventos

| EVENTOS |
|---|
| 1 |
| 2 |
| 3 |
| 4 |
| 5 |
| 6 |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

**Quadro 2** – Tipicação de Conceitos

| CONCEITOS ESSENCIAIS DE PIERRE BOURDIEU | |
|---|---|
| a) | Campo Simbólico Social |
| b) | Poder Simbólico |
| c) | Bens Simbólico |
| d) | Capital Simbólico |
| e) | Dominação Simbólica |
| f) | Violência Simbólica |
| g) | *Habitus* |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

A partir deste quadro 1, cruzando os diversos eventos e conceitos de Bourdieu que identificamos e que envolveram MST e os diversos segmentos religiosos e suas respectivas

lideranças, obtivemos um quadro analítico que nos permite analisar a presença dos conceitos de Bourdieu para nossas análises.

**Quadro 3** – Cruzamento de Eventos Sociais no MST com Conceitos Essenciais de

| EVENTOS | IDENTIFICAÇÃO DOS CONCEITOS BOURDIEU NOS EVENTOS |
|---|---|
| 1 | A (campo simbólico - social e agrário), B (vestimentas, gestos, discursos, interação entre leigos e produtores de bens simbólicos); C (foram realizadas orações pelas lideranças luterana e presbiteriana; D (conhecimentos adquiridos pelos assentados); E (somente lideranças religiosas masculina opinaram, discursaram neste evento,); capital simbólico (discursos de lideranças religiosas); F (mulheres só fazem discursos em falas franqueadas); G (no comportamento dos assentados) |
| 2 | A (campo simbólico - social e agrário), B (interação entre leigos e produtores de bens simbólicos); C (bençãos, orações); D (a cartilha lançada,) E (embora exista a presença de mulheres); G (no comportamento dos assentados) |
| 3 | A (campo simbólico - social e agrário), B (vestimentas, gestos, discursos e interação entre leigos e produtores de bens simbólicos); C (bens simbólicos); D (formações específicas e ocupação sacerdotal demonstradas pelas lideranças); F (violência apresentada nos discursos das lideranças luterana e católica, reatividade reacionária, discordâncias internas de lideranças sobre a campanha); G (no comportamento dos assentados) |
| 4 | A (campo simbólico - social e agrário), B (vestimentas, gestos, discursos, interação entre leigos e produtores de bens simbólicos); C (foram realizadas orações pelas lideranças luterana e presbiteriana; D (conhecimentos adquiridos pelos assentados); E (somente lideranças religiosas masculina opinaram, discursaram neste evento,); capital simbólico (discursos de lideranças religiosas); F (não se registrou discurso de nenhuma mulher); G (no comportamento dos assentados) |
| 5 | A (campo social e agrário); B (discurso de liderança e interação entre leigos, políticos e produtores de bens simbólicos); D (passividade dos participantes em recepcionar o discurso político e religioso) G (no comportamento dos assentados) |
| 6 | A (campo social, agrário, político, artístico, científico, etc.); B (vestimentas, gestos, discursos, interação entre leigos e produtores de bens simbólicos); D (discursos, votações, tomadas de decisões); |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Cabe ressaltar que nossa análise possui limitações. Para compreender inteiramente a eficácia simbólica das linguagens políticas e religiosas presentes em cada evento, conforme afirma Bourdieu (2008, p. 27), seria necessário:

> [...] preciso reduzi-las ao efeito dos mal-entendidos que levam indivíduos opostos em tudo a se reconhecerem na mesma mensagem, pois os discursos eruditos ali realizados podem extrair sua eficácia da correspondência oculta entre a estrutura do espaço social no qual são produzidos, [....] [campos] e [...] classes sociais; [....]. Todavia, permitiu-nos traçar um panorama das relações invisíveis que estruturam tais relações sociais.

Dessa forma, pudemos relacionar os conceitos de Bourdieu com as relações entre os diversos atores sociais presentes nos assentamentos e nas dinâmicas entre os diferentes segmentos religiosos. Por isso, é possível "soar e ressoar em nossos questionamentos": É possível evocamos a presença de Bourdieu?

## Considerações finais

Após o percurso realizado neste ensaio, torna-se evidente que os conceitos são instrumentos e dispositivos essenciais para a interpretação e compreensão dos fatos, eventos e fenômenos sociais na contemporaneidade. Assim, os conceitos de Pierre Bourdieu constituem recursos valiosos para interpretar a miríade de situações que compõem a sociedade atual, demonstrando que sua obra mantém expressividade em diversas áreas do conhecimento, incluindo aquelas que buscam explicitar as relações entre o movimento agrário e o religioso.

É fato que o MST tem se aproximado de diferentes segmentos religiosos, demonstrando não apenas pluralismo, mas também a busca por um ecumenismo no interior dos assentamentos. Tais aproximações são fenômenos sociais passíveis de análise pelas Ciências da Religião.

Compreender essas relações por meio dos conceitos de Bourdieu contribui para refletir sobre as diversas formas de agir do movimento social e das instituições religiosas que atuam nesses espaços, especialmente nas últimas décadas do século XXI selecionadas para este estudo. Contribui, ainda, para desnudar interesses de ambas as partes nesse processo de articulação e convivência.

Cabe ressaltar que não houve maior aprofundamento analítico, o que torna nossa pesquisa limitada em certos aspectos. Contudo, essa limitação abre espaço para a aplicabilidade e a seleção de conceitos específicos que permitam aprofundar questões não tratadas, observadas ou respondidas aqui, abrindo, assim, outras possibilidades analíticas para os múltiplos fenômenos presentes nos eventos estudados.

Logo como foi possível descrevermos ao longo deste trabalho, como resposta temos: Bourdieu Presente!

**Referências**

ALCÂNTARA, F. *Campanha da fraternidade 2021*: um compromisso de amor. São Paulo: MST, 2021. Disponível em: https://mst.org.br/2021/02/24/campanha-da-fraternidade-2021-um-compromisso-de-amor/. Acesso em: 7 ago. 2024.

BERKENBROCK. V. *Ecumenismo*: a difícil arte de diálogo entre os Cristãos. São Paulo: Vozes, 2024.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, 20).

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas.* Tradução de Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Barbara Catani, Paula Montero José Carlos Durand. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa Portugal. Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Correa. 9. ed. São Paulo: Papirus, 1996.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber*: manual de metodologia em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed: UFMG, 1999.

LAZZARETTI, M. A. Michel Foucault, Pierre Bourdieu: para entendermos um pouco sobre poder nos assentamentos de Reforma Agrária. *Revista Tempo da Ciência*, Toledo, v. 56, n. 51, p. 124-132, ago. 2019.

MICELI, S. Introdução. In: MICELI, S. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, 20).

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Ato ecumênico em memória de Márcio Matos exige justiça*. São Paulo: MST, 2018. Disponível em: https://mst.org.br/2018/02/27/ato-ecumenico-em-memoria-de-marcio-matos-exige-justica/. Acesso em: 1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Acampamento Marielle Vive! realiza ato ecumênico em homenagem a Luis Ferreira*. São Paulo: MST, 2019a. Disponível em: https://mst.org.br/2019/07/30/acampamento-marielle-vive-realiza-ato-ecumenico-em-homenagem-a-luis-ferreira/. Acesso em: 1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Ecumênicos e MST*. São Paulo: MST, 2022a. Disponível em: https://mst.org.br/2022/07/01/ecumenicos-e-mst/. Acesso em:1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Em ato ecumênico, trabalhadores pedem justiça ao massacre de Eldorado dos Carajás*. São Paulo: MST, 2016. Disponível em: https://mst.org.br/2016/04/18/em-ato-ecumenico-trabalhadores-pedem-justica-ao-massacre-de-eldorado-dos-carajas/. Acesso em: 3 ago.2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Encontro reúne Religiosos Ecumênicos e MST em São Paulo*. São Paulo: MST, 2022b. Disponível em: https://mst.org.br/2022/07/04/encontro-reune-religiosos-ecumenicos-e-mst-em-sao-paulo/. Acesso em: 1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *Lideranças religiosas e políticas se unem em apoio ao acampamento Maila Sabrina, do Paraná*. São Paulo: MST, 2019b. Disponível em: https://mst.org.br/2019/10/15/liderancas-religiosas-e-politicas-se-unem-em-apoio-ao-acampamento-maila-sabrina-do-parana/. Acesso: 1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *MST realiza 1º Seminário com evangélicos/as de territórios de reforma agrária no PA*. São Paulo: MST, 2022c. Disponível em: https://mst.org.br/2022/12/14/mst-realiza-1o-seminario-com-evangelicos-as-de-territorios-de-reforma-agraria-no-pa/. Acesso em: 1 ago. 2024.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. *O MST*: nossa história. São Paulo: MST, [2024]. Disponível em: https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/#congresso. Acesso: 1 ago. 2024.

MUNIR, L. *Dos pioneiros do MST às políticas educacionais do campo*: uma narrativa a partir da ocupação da Fazenda Annoni. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

NUNES, M. V. *Teologia da Libertação, Mística e MST*: o Papel da Comunicação Grupal Libertadora na Organização Política do Movimento. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RIVERA, P. B. Estruturas e teias de significado: "Habitus" e "cultura" nas Ciências da Religião. *Estudos de Religião*, La Rioja, v. 28, n. 1, p. 204-219, jan.-jun. 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n1p204-219.

XAVIER, E. D.; PIMENTA, K. F. A utopia no movimento dos trabalhadores sem terra: da sociedade real à sociedade sonhada. *Revista da UFMG*, Belo horizonte, v. 24, n. 1-2, p. 162-175, jan./dez. 2017.

## Notas

1 Uma ordem que está estruturada em uma análise reflexiva acerca da origem, da natureza e da essência da ação cognitiva, do ato de conhecer, do conhecimento humano.

Recebido: 10 de julho de 2026

Aprovado: 19 de setembro de 2026